

**ENSINO DE GEOGRAFIA E A QUESTÃO AGRÁRIABRASILEIRA:  
UMA APROXIMAÇÃO A PARTIR DA MÚSICA REGIONAL**

**GEOGRAPHY TEACHING AND BRAZILIAN AGRARIAN ISSUE: AN  
APPROACH THROUGH FOLK MUSIC**

**ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA Y LA CUESTIÓN AGRARIA  
BRASILEÑA: UN ACERCAMIENTO A TRAVÉS DE LA MÚSICA REGIONAL**

José Antônio Guilherme Junior<sup>1</sup><https://orcid.org/0000-0003-0141-9631>

Mateus Monteiro Lobato<sup>2</sup> <https://orcid.org/0000-0002-7780-8804>

---

**RESUMO**

O artigo analisou cinco canções da música regional brasileira que abordam a Questão agrária, destacando seu potencial para o ensino de geografia. Esse gênero musical possui um forte conteúdo regional, expressando a dinâmica de transformação de modos de vida e coletividades rurais presentes no campo brasileiro. Para desenvolver a pesquisa, utilizou-se a metodologia de análise de conteúdo como instrumento, com o objetivo de compreender os significados mais profundos presentes nas canções escolhidas. Esses conteúdos selecionados podem entrar no planejamento docente como subsídio a sua prática em sala de aula. Foram selecionadas cinco canções da música regional brasileira que tinham como temática a Questão agrária, sem consideração alguma com os aspectos técnicos de cada canção. A partir da análise das letras desdobramos os temas da Questão Agrária conforme eles eram abordados no contexto de cada região. O uso da música regional no ensino de geografia proporciona uma maior compreensão da Questão agrária, uma vez que permite observar essa problemática no contexto das especificidades de cada região, permitindo aos educandos uma visão mais próxima da realidade agrária nacional.

**Palavras-chave:** Educação Básica. Planejamento do Professor. Geografia Agrária.

---

**ABSTRACT**

The following article analyzed five songs from Brazilian folk music that addressed Land Reform issue by highlighting their potential for Geography teaching. This musical genre possesses a high regional content that expresses the dynamics of lifestyle transformation and rural communities in Brazilian countryside. To conduct this study, content analysis methodology was employed as a tool with the aim of learning the deepest meanings in selected data. It seems that these selected contents might be included in teacher's lesson plan to support their successful practice in the classroom. Five songs from Brazilian folk music were selected which had Land Reform issue as their theme, without taking into account the technical aspects of them. From the analysis of each lyrics, it was unfolded the themes on Land Reform as they were addressed in the context of each region. Folk music approach in Geography teaching may

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia (UFPA), Professor IFPA – Campus Marabá Industrial. E-mail: [guilherme.junior@ifpa.edu.br](mailto:guilherme.junior@ifpa.edu.br)

<sup>2</sup> Doutor em Geografia (UNESP), professor da UFPA- Campus Altamira. E-mail: [monteirolobato@ufpa.br](mailto:monteirolobato@ufpa.br)

offer a greater background on the Land Reform issue within each specific feature for region, which enables students to reach a closer insight into the national land reality.

**Keywords:** Basic Education. Lesson Plan. Agricultural Geography

---

## RESUMEN

El artículo analizó cinco canciones de la música regional brasileña que abordan la cuestión agraria, destacando su potencial para la enseñanza de geografía. Este género musical tiene un fuerte contenido regional, expresando la dinámica de transformación de modos de vida y colectividades rurales presentes en el campo brasileño. Para llevar a cabo la investigación, se utilizó la metodología de análisis de contenido como herramienta, con el objetivo de comprender los significados más profundos presentes en las canciones elegidas. Estos contenidos seleccionados pueden formar parte de la planificación docente como apoyo a la práctica en el aula. Se seleccionaron cinco canciones de la música regional brasileña que tenían como temática la cuestión agraria, sin considerar los aspectos técnicos de cada canción. A partir del análisis de las letras, desglosamos los temas de la cuestión agraria según se abordaron en el contexto de cada región. El uso de la música regional en la enseñanza de geografía proporciona una mayor comprensión de la cuestión agraria, ya que permite observar esta problemática en el contexto de las especificidades de cada región, permitiendo a los educandos una visión más cercana de la realidad agraria nacional.

**Palabras clave:** Educación Básica. Planificación del Profesor. Geografía Agraria.

---

## INTRODUÇÃO

Segundo Cavalcante (1998), o Ensino de Geografia deve levar o educando a refletir sobre a realidade espacial nas suas diversas dimensões, tarefa que no contexto atual, se torna cada vez mais complexa. O caminho trilhado pela ciência geográfica é de contextualizar o aluno no mundo e auxiliá-lo na construção do seu conhecimento, isto é, abrir a janela do mundo para que ele mesmo a ultrapasse.

Na realidade contemporânea, não cabe mais uma Geografia Escolar pautada no ensino tradicional, que está apartada das questões da escola, da casa, da comunidade e do mundo, como já havia destacado, lá atrás, Oliveira (1988) quando questionava os rumos do ensino da geografia.

Diante dessa nova realidade o professor precisa utilizar-se de recursos variados de forma que o processo ensino-aprendizagem possa se tornar mais representativo, facilitando a compreensão por parte do educando e mudando o perfil do que foi difundido sobre o Ensino de Geografia como algo maçante e enfadonho, problema sinalizado anteriormente por Lacoste (1998), mas que, segundo Castrogiovanni, Copetti e Kaecher (2017), ainda perdura, uma vez que, um dos desafios didáticos apresentados aos

professores é superar a visão da disciplina como um conteúdo descritivo, carregado de informações desconexas e que em nada se relaciona com a realidade vivencial dos educandos.

Outro ponto fundamental sobre a prática docente é a diálogo com a realidade dos alunos, como abordou Copatti e Barcelos (2021). Para essas autoras, o professor deve aproveitar a janela de ampliação das tecnologias como recursos didáticos e incrementar sua prática. O fio condutor dessa medida é a invariável ligação entre o Ensino de Geografia e as questões pertinentes ao lugar.

Nessa perspectiva um importante contraponto a essa “geografia tradicional” fundada na memorização dos conteúdos é a utilização de ferramentas educacionais lúdicas, como identificadas nas propostas de Santos (2015) e Silva, Lima e Marçal (2018), que se debruçaram sobre a música como recurso nas aulas de Geografia. Copatti e Barcelos (2021) também reafirmam as possibilidades que a música oferece aos professores como recurso didático, porém foram além ao propor uma forma de trabalhá-las em sala de aula.

Nesse contexto anteriormente explicitado, o da música como recurso didático, entendemos que ela se constitui numa importante ferramenta a ser aproveitada no processo ensino-aprendizagem, indo ao encontro do que apontaram Castrogiovanni, Copetti e Kaecher (2017). Dentro dessa perspectiva, nossa proposta é apresentar, a partir do conteúdo de cinco canções da música regional, apontamentos sobre a Questão Agrária brasileira no contexto do ensino de geografia.

A problemática que envolve o agrário brasileiro é fundamental para se entender a situação das populações que habitam o campo e suas transformações na contemporaneidade. A música não se restringe a uma forma de expressão cultural, uma vez que, os significados trazidos nas suas letras e ritmos possuem uma dimensão espacial significativa. Dessa maneira, a música regional elucida o conteúdo social específico de cada região, apontando “ruralidades” e dinâmicas territoriais em seu conteúdo.

O objetivo do artigo é relacionar o ensino de geografia e a Questão Agrária brasileira, tendo como objeto de análise algumas letras da música regional. Esse tipo musical é marcado pelo forte conteúdo regional, expressando costumes e tradições de determinadas coletividades espacialmente localizadas. As paisagens e as dinâmicas sociais também são retratadas nessas manifestações culturais.

A técnica de pesquisa empregada para referenciar o artigo foi a análise de conteúdo, que na perspectiva de Morais (1999), corresponde a uma metodologia utilizada para descrever e interpretar o conteúdo presente em diversos tipos de documentos e textos (incluindo músicas). Essa análise pode ser conduzida de maneira sistemática e tem o propósito de reexaminar as mensagens presentes no material estudado, permitindo alcançar uma compreensão mais profunda de seus significados, que vai além da interpretação superficial de uma leitura comum. No caso específico da leitura aqui proposta, os elementos geográficos ligados a Questão Agrária foram priorizados.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram selecionadas músicas obedecendo aos seguintes critérios: primeiramente letras que trouxessem como temática a Questão Agrária e, em segundo lugar, cujo conteúdo retratasse uma das cinco regiões brasileiras, por fim, considerou-se também a representatividade e a pertinência do conteúdo das canções para os objetivos da análise proposta.

No exame das letras dividimos em “unidades de análise” (Moraes, 1999), que para esse artigo foram os trechos mais significativos de cada música. Essa análise ocorreu de maneira sequencial obedecendo a ordem que apareceram na letra das canções. Assim sendo, foram selecionadas as seguintes canções: “Peão” de Almir Sater (Centro-Oeste), “Asa-Branca” de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (Nordeste), “Saga da Amazônia” de Vital Farias (Norte), “Rei do Gado” de Tião Carreiro e Pardinho (Sudeste) e “Herdeiro da Pampa Pobre” de Vaine Darde e Gaúcho da Fronteira (Sul).

O texto está dividido em quatro partes além dessa introdução, um primeiro tópico indicando alguns elementos da Questão Agrária Brasil pertinentes a problemática debatida no ensino de geografia, um segundo tópico direcionado ao ensino de geografia por intermédio de músicas, um terceiro tópico que versa sobre os aspectos do agrário na música regional brasileira a partir da análise das letras e por fim as considerações finais.

## **QUESTÃO AGRÁRIANO BRASIL: APONTAMENTOS INICIAS**

A “Questão agrária” é um campo de estudo que busca compreender como cada sociedade organiza o uso, a posse e a propriedade da terra ao longo do tempo (STÉDILE, 2012). Nesse sentido, o uso da terra está intrinsecamente ligado à forma como uma sociedade utiliza os recursos naturais e organiza a produção agrícola, determinando quais produtos serão cultivados, para quem serão destinados e quais

necessidades serão atendidas (STÉDILE, 2012). Tem-se, portanto, um conjunto de práticas carregadas de hierarquizações e tensões entre os sujeitos, uma vez que, a “terra” é um recurso escasso, não replicável e cuja apropriação demanda acordos sociais, que no capitalismo pressupõe o uso privativo fortemente relacionado ao poder econômico e político.

Prado Júnior (1987) também compreende a Questão Agrária de forma ampla, incluindo os problemas rurais e agrários. Todavia, sua abordagem ao dar ênfase no problema da miséria das populações rurais, acaba por evidenciar o aspecto da desigualdade capitalista. E no que tange à miséria, um dos pontos fulcrais dessa abordagem clássica é a concentração de terras, opondo diferentes sujeitos ligados à terra.

No caso da posse da terra, é primordial compreender quais pessoas e categorias sociais dominam determinadas parcelas de território (STÉDILE, 2012). Ainda segundo este autor, a condição jurídica da propriedade é um elemento crucial para analisar a Questão agrária, especialmente no contexto capitalista, onde a propriedade privada se torna hegemônica como relação social e é tratada como mercadoria passível de livre comercialização (STÉDILE, 2012).

Na contemporaneidade, dois pontos fundamentais ganham destaque na Questão Agrária brasileira. Primeiramente, há um movimento deliberado por parte de setores ruralistas para anular a função social e ambiental da terra (WANDERLEY, 2019). Em segundo lugar, observa-se a concentração da terra e do capital na agricultura como um fator estruturante das relações socioprodutivas no campo (WANDERLEY, 2019). Essa síntese, proposta pela autora, aponta para a relação intrínseca entre terra e poder, com reflexos sociais significativos na formação territorial do Brasil, a partir do avanço do capitalismo.

Partindo do que foi dito e referenciando esse processo na história colonial brasileira, tem-se que, as práticas capitalistas, que se desenvolveram no campo, buscaram inserir seu território na lógica mercantilista, adequando a estrutura produtiva e de poder. Dessa forma, organizou-se um sistema espacial sustentado no tripé: latifúndio, monocultura e trabalho escravo. Como parte estruturante desse processo a produção foi destinada à exportação de matérias primas subordinando-se aos interesses da burguesia metropolitana.

A lógica colonial e mercantil, nas suas estruturas de poder, edificou um sistema extremante concentracionista, alinhando o domínio privado da terra ao poder econômico

e político. O Estado esteve diretamente relacionado a consolidação do grande capital fornecendo um conjunto de facilidades que garantiram sua perpetuação, ao longo de nossa história, desse modo,

[...] A ação do Estado sempre foi caracterizada pela orientação explicitamente favorável à constituição da grande propriedade fundiária, através de iniciativas e ações, socialmente onerosas e parasitárias: a doação de terras, pelo sistema de sesmarias, no período colonial; a abertura das fronteiras agrícolas, que favoreceu a incorporação de novas áreas agricultáveis, a instalação de infraestruturas e a legitimação da apropriação ilegal e violenta das terras públicas, sob a forma de grilagem de terras [...] (WANDERLEY, 2019, p.17)

Como se verifica, o privilégio concedido ao latifúndio se perpetuou, historicamente, em ações de favorecimento a grande propriedade em detrimento da agricultura familiar ou camponesa. Essa preferência é reforçada pela ideologia de que a modernização da agricultura requer necessariamente a dominância do latifúndio, o que acaba por atribuir às grandes propriedades a capacidade, nem sempre real, de se adaptarem satisfatoriamente às transformações tecnológicas em curso (WANDERLEY, 2019). Esse aspecto é parte da “modernização conservadora” que, por um lado, atribui ares de modernidade ao latifúndio e por outro, relega os pequenos proprietários a uma condição de atraso social e tecnológico, destinando, quando muito, pequenas concessões como; melhorias pontuais na renda e acesso a certos bens, mas nunca a parceria no progresso da agricultura (WANDERLEY, 2019).

Outro fator que atinge diretamente a agricultura familiar é, como salienta Wanderley (2019, p. 18), a concentração fundiária, uma vez que, sua existência “dá origem ao trabalhador sem-terra, disponível para o trabalho nas grandes fazendas”, por esse motivo, o predomínio territorial do latifúndio funciona como um catalizador do processo de exclusão social e urbanização da população do campo, sendo assim, verifica-se que:

Os efeitos perversos da concentração fundiária estão presentes em todo o país, sob a forma da pobreza e da exclusão, gerando, nas áreas urbanas, o inchaço de suas periferias, inclusive nas pequenas cidades. Nas áreas rurais esses efeitos são diretos e intensos, expressando-se, ora através da trama de grandes propriedades agroexportadoras, implantadas em espaços rurais socialmente vazios, ora através da trama de minifúndios empobrecidos, precisamente, pela sua insegurança jurídica quanto à apropriação da terra (WANDERLEY, 2019, p.24)



A estrutura desigual criada favorece processos migratórios em direção as cidades e de desestruturação de modos de vida no campo. Tem-se, portanto, uma intensificação do êxodo rural, que no Brasil, é um fenômeno complexo e multifacetado que impacta significativamente a distribuição espacial da população.

Comentando esse processo Palmeira (1989), destaca que a intensificação da urbanização, sobretudo a partir dos anos de 1960 e 1970, tem sido acompanhada por um fluxo constante de trabalhadores em direção às cidades. Ainda de acordo com ele, essa dinâmica está relacionada a uma ação deliberada de expropriação do campesinato, que enfraquece as práticas camponesas por meio da concentração da terra, eliminação de postos de trabalho no campo e falta de apoio econômico aos agricultores familiares.

A modernização da agricultura brasileira ocorreu sem alterar a estrutura da propriedade rural, resultando em efeitos perversos (PALMEIRA, 1989), isso porque, a propriedade tornou-se mais concentrada, as disparidades de renda aumentaram e o êxodo rural acentuou-se. Esse conjunto levou a uma maior exploração da força de trabalho nas atividades agrícolas, além do crescimento da autoexploração nas propriedades camponesas e a uma piora na qualidade de vida das populações no campo.

Os processos de expropriação sistemática e a superexploração da mão de obra camponesa têm marcado a trajetória desses sujeitos no capitalismo, conseqüentemente, em várias situações esse “modo de vida” transfigura-se em uma classe social que se põe a lutar por seus direitos, em contraposição ao processo de “descampesinização” (SHANIN, 2005).

Os pontos aqui destacados sobre a Questão Agrária brasileira, sobretudo no que diz respeito ao avanço das relações capitalistas no campo e suas conseqüências socioespaciais para agricultura familiar, perpassam a formação das regiões brasileiras. O caráter concentracionista da estrutura fundiária somada a outros fatores como a exclusão social no campo, têm fortalecido dinâmicas migratórias como o êxodo rural que impacta diretamente a cidade. Todos esses fatores são tematizados em canções da música regional brasileira como será mostrado no tópico “Questão Agrária e a música regional brasileira”.

## O ENSINO DE GEOGRAFIA ATRAVÉS DE MÚSICAS

O ensino de geografia desempenha um papel crucial na formação dos alunos, pois proporciona a compreensão ampla e crítica das múltiplas relações que moldam a realidade espacial. Segundo Cavalcanti (2012), é fundamental que o ensino de geografia apresente caminhos para o entendimento do espaço em suas diversas determinações, explorando a espacialidade dos fenômenos geográficos.

A importância do ensino de geografia está intrinsecamente ligada à necessidade de compreendermos o mundo em que vivemos. Através da geografia escolar, os estudantes desenvolvem habilidades e conhecimentos que permitem interpretar e analisar o espaço em suas dimensões sociais, econômicas, ambientais e culturais. Dessa forma, eles se tornam capazes de compreender as dinâmicas e as transformações do mundo contemporâneo, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes.

Para garantir um ensino de geografia efetivo é vital utilizar diferentes linguagens no processo de ensino-aprendizagem. A utilização de outras formas de expressão, como a linguagem visual, artística e musical, amplia as possibilidades de compreensão e construção do conhecimento geográfico. Essas linguagens proporcionam uma abordagem mais dinâmica e participativa, propiciando um maior engajamento do educando nas aulas ministradas. A necessidade de os professores trabalharem com “linguagens alternativas”, é de fundamental significância, uma vez que, suas modalidades “exigem abordagem interdisciplinar e articulação entre razão e sensibilidade, além de favorecer o conhecimento conceitual e a comunicação mais sintética” (CAVALCANTI, 2010, p. 9-10)

A geografia escolar deve buscar desenvolver a capacidade de leitura de diferentes linguagens e gêneros textuais, considerando sempre suas especificidades comunicacionais e seus significados (CAVALCANTI, 2010). Nesse contexto, a música se tornar uma vultuosa ferramenta de ensino.

O uso de canções como recurso pedagógico no ensino de Geografia tem se mostrado uma estratégia eficiente para envolver os alunos, estimular o interesse e facilitar a compreensão dos conceitos geográficos. A música possui um apelo emocional além de potencializar a criatividade e promover a memorização de informações, tornando-se um importante meio, que permite o professor explorar diversas temáticas.



Por conseguinte, a música oferece uma gama de possibilidades para a construção do conhecimento geográfico dos alunos no contexto escolar. Todavia, Copatti e Barcelos (2021) advertem ser necessário elaborar um planejamento a partir das circunstâncias envolvidas para garantir o alcance dos objetivos didáticos.

Como podemos perceber, é possível abordar uma infinidade de situações e alcançar diversos objetivos a partir da relação entre música e Geografia. Neste caso, pensamos em algumas possibilidades que aliam o estudo local/regional a partir da música e os conhecimentos geográficos essenciais que contribuem à leitura do mundo a partir do lugar e da origem dos estudantes, ou seja, do lugar vivido. Para facilitar esse processo de interpretação por meio da música, elencamos alguns passos a serem tomados na análise sob o olhar geográfico. Para tanto, definimos aspectos basilares para o planejamento do professor tomando alguns conceitos como possibilidades (COPATTI; BARCELOS, 2021, p. 476).

De forma complementar Santos (2015) assevera que, a música pode ser usada de diferentes formas no ensino de Geografia. Ela pode ser utilizada como um ponto de partida para a introdução de um novo tema, despertando a curiosidade dos alunos e criando um ambiente propício à aprendizagem. Além disso, a música pode ser empregada de maneira complementar durante o processo de ensino-aprendizagem, auxiliando na fixação dos conteúdos e na conexão de diferentes elementos geográficos.

Através da música, é possível mapear as conexões entre os lugares e as pessoas, além de favorecer a compreensão de dinâmicas espaciais vivenciadas por diferentes grupos sociais. A música regional, por exemplo, pode refletir as tensões, as desigualdades e as resistências presentes no espaço, descortinando as relações de poder, as hierarquizações e as formas de apropriação dos lugares.

Autores como Pontuschka (2003) e Callai (2009) ressaltam que o uso da música no ensino de Geografia corrobora na formação de uma consciência crítica e cidadã por parte dos educandos. Ao abordar temas como desigualdades sociais, problemas ambientais e questões de identidade e cultura, a música permite que os estudantes reflitam sobre as relações sociais e espaciais, desenvolvendo uma visão mais ampla e consciente do mundo em que vivem.

Esse recurso é especialmente importante para a geografia, dado que, a música como uma expressão cultural, possui uma dimensão espacial, em razão de originar-se em “determinados contextos espaço-temporais, difundem-se no espaço e no tempo e, em muitos casos, abordam características sócio-espaciais” (CORRÊA, 1998, p. 58),

No que diz respeito as letras, verifica-se que são fontes importantes de informação e reflexão sobre diversos temas. Embora o objetivo principal das canções seja, em sua maioria, tocar o “coração” e não o “cérebro”, é possível encontrar em suas letras informações fundamentais que podem auxiliar o professor de geografia no desenvolvimento de suas aulas. A linguagem empregada por alguns poetas populares, compositores e cancionheiros brasileiros é capaz de capturar o "espírito" de determinadas regiões, lugares e comunidades, retratando paisagens e elementos da dinâmica social.

Por meio das letras musicais se acessa narrativas que retratam experiências e vivências de diferentes grupos sociais, revelando aspectos culturais, históricos, socioeconômicos e ambientais de determinadas regiões. As músicas podem servir como um recurso pedagógico rico para despertar o interesse dos alunos e criar uma conexão afetiva/reflexiva com os conteúdos de geografia. Ao explorar a linguagem poética presente nas canções, o professor pode proporcionar uma abordagem mais subjetiva e empática em relação aos lugares e comunidades retratadas.

No trabalho pedagógico, é prudente que o professor faça uma seleção criteriosa das letras, buscando aquelas que tenham um conteúdo geográfico relevante e que estejam alinhadas com os objetivos de ensino. Além disso, é fundamental promover momentos de discussão e reflexão crítica sobre as temáticas abordadas nas músicas, estimulando os alunos a analisar e interpretar as informações presentes nas letras, relacionando-as com os conceitos geográficos estudados em sala de aula.

Dessa forma, a música pode ser uma aliada prestigiosa no ensino de geografia, proporcionando uma abordagem mais dinâmica, criativa e significativa para os estudantes. Ao explorar as letras, os professores podem ampliar o “repertório” dos alunos, buscando conecta-los a diferentes realidades e estimulando a valorização da diversidade cultural presente em nosso país. Na proposta do artigo, esse aspecto é especialmente relevante, uma vez que, debater a Questão Agrária, por meio de canções regionais, possibilita o contato do aluno, principalmente das áreas urbanas com outras realidades socioespaciais presentes no campo brasileiro.

## **O AGRÁRIO NA MÚSICA REGIONAL BRASILEIRA: UMA PROPOSTA A PARTIR DAS CANÇÕES**

A Questão agrária, como já mencionado, envolve o uso, a posse e a propriedade da terra, sempre em relação a uma estrutura social mais ampla. No caso brasileiro, a sua

inserção no capitalismo determinou a constituição de algumas relações sociais e de poder marcadas pela exclusão e concentração fundiária. A preferência pelo latifúndio em detrimento da agricultura familiar, gerou, entre outros efeitos, a pobreza, a exclusão social, a desestruturação de modos de vida e o êxodo rural (PRADO JUNIOR, 1987; STÉDILE, 2012; WANDERLEY, 2019). Algumas dessas marcas são retratadas na música regional, que se produz nas diversas regiões brasileiras.

Para facilitar a análise das letras optou-se pela organização em ordem alfabética, indicando para cada música a região brasileira a qual faz referência. Na análise do conteúdo foram priorizados os trechos sobre a Questão Agrária referida região, buscando discutir os aspectos centrais.

### **Letra 1 – Asa branca – Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira**

Região analisada: Nordeste

Quando olhei a terra ardendo  
Qual fogueira de São João  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação?

Que braseiro, que fornalha  
Nem um pé de plantação  
Por falta d'água, perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão  
Por falta d'água, perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca  
Bateu asas do sertão  
Entonce eu disse: Adeus, Rosinha  
Guarda contigo meu coração  
Entonce eu disse: Adeus, Rosinha  
Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas léguas  
Numa triste solidão  
Espero a chuva cair de novo  
Pra mim voltar pro meu sertão  
Espero a chuva cair de novo  
Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos  
Se espalhar na plantação  
Eu te asseguro, não chore não, viu?  
Que eu voltarei, viu, meu coração?  
Eu te asseguro, não chore não, viu?  
Que eu voltarei, viu, meu coração?

**Fonte** - [www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga](http://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga). Acesso em janeiro de 2023.

A música começa descrevendo uma paisagem típica do sertão nordestino, que tem como características climáticas, basicamente, altas temperaturas e chuvas mal distribuídas durante o ano. As limitações geradas por meio da seca e da pobreza, configura uma dificuldade enfrentada por boa parte da população do semiárido nordestino. É interessante notar a correlação metafórica da condição climática “terra ardendo” com traços da cultura regional “fogueira de São João”, fazendo referência a festa de São João evento, que possui um forte apelo na identidade cultural nordestina.

Na canção as condições de pobreza e vulnerabilidade das populações do campo são evidenciadas, ainda que, não exista uma denúncia de maneira explícita. A partir da letra é possível inferir a situação de abandono que uma parte da população nordestina vivência, por essa razão, o último recurso encontrado por um dos personagens da música é clamar por ajuda divina na esperança de uma transformação nas suas condições de sobrevivência.

A letra evidencia as consequências nocivas, para o pequeno produtor, da falta de água, que atinge a agricultura e a pecuária local, essas práticas econômicas são indispensáveis para a manutenção desses trabalhadores na área rural. É imperativo destacar que essa desestruturação não é resultado somente da questão climática, mas também, de estruturas de poder que concentram terra e a água nos domínios de alguns grupos.

Nos versos citados existe a menção a Asa-branca (*Patagioenaspicazuro*), pássaro típico de regiões do Nordeste brasileiro, que em razão das condições climáticas extremas tem migrado para outras regiões. O deslocamento também é percebido referindo-se a população local, uma vez que o eu lírico menciona que deixará sua terra. Esse aspecto identifica uma das marcas históricas da formação territorial do Nordeste, isto é a mobilidade espacial da mão de obra.

Depois de migrar, de se afastar de sua terra e de seu grande amor o personagem revela sua vontade de voltar, assim que a chuva cair de novo no Sertão. Identifica-se um tipo de migração muito comum nessa região a transumância, que corresponde a uma migração temporária ocasionada por constrangimentos climáticos, mais precisamente a seca. Também é possível notar a existência de um sentimento de pertencimento com o lugar, expresso, uma vez que mesmo distante o migrante deseja retornar a sua terra.

Por fim, um aspecto que pode ser destacado é a predominância da migração masculina, já que, o personagem (um homem) deseja retornar ao seu lugar de origem,

por sua relação afetiva com “Rosinha” (uma mulher) que, de acordo com a música, ficou no Sertão. Diante do exposto propomos uma tabela com algumas sugestões que os professores podem considerar no planejamento da atividade com a música “Asa Branca”.

**Tabela 1 - Orientações ao trabalho docente**

| <b>Música</b>  | <b>Asa Branca</b>  |
|--|--|
| <b>Temas a serem abordados</b>                                   | Condições climáticas e geográficas no sertão nordestino  |
| <b>Região</b>  | Nordeste   |
| <b>Conteúdos Geográficos</b>                                     | Impacto da seca na agricultura e pecuária local, migração sazonal e clima semiárido  |
| <b>Habilidades Desenvolvidas</b>                                 | Interpretação de características geográficas, análise de padrões climáticos, compreensão das migrações sazonais                        |
| <b>Competências Acionadas</b>                                    | Pensamento crítico sobre problemas socioambientais, compreensão das relações entre clima e sociedade, análise de fenômenos geográficos |
| <b>Sugestão de Seguimento para o desenvolvimento da proposta</b> | 3º ano do ensino médio   |

**Fonte -** Elaborado pelos autores (2023)

Dando seguimento analisaremos a canção Herdeiro da Pampa Pobre, cuja temática aponta para a Questão Agrária Sul do Brasil.

### **Letra 2 - Herdeiro da Pampa Pobre - Vaine Darde e Gaúcho da Fronteira** Região analisada: Sul

Mas que pampa é este que recebo agora  
Com a missão de cultivar raízes  
Se dessa pampa que me fala a história  
Não me deixaram nem se quer matizes?

Passam as mãos na minha geração  
Heranças feitas de fortunas rotas  
Campos desertos que não geram pão  
Onde a ganância anda de rédeas soltas

Se for preciso, volto a ser caudilho  
Por esta pampa que ficou pra trás  
Porque não quero deixar pro meu filho  
A pampa pobre que herdei de meu pai

Herdei um campo onde o patrão é rei  
Tendo poderes sobre o pão e as águas  
Donde esquecido vive o peão sem leis  
De pés descalço cabresteando mágoas

O que hoje herdo da minha grei chirua  
É um desafio que a minha idade afronta  
Pois me deixaram a guaiaca nua  
Pra pagar uma porção de contas

Se for preciso, volto a ser caudilho  
Por esta pampa que ficou pra trás  
Porque não quero deixar pro meu filho  
A pampa pobre que herdei de meu pai

**Fonte** - [www.lettras.mus.br/gaicho-da-fronteira](http://www.lettras.mus.br/gaicho-da-fronteira). Acesso em janeiro de 2023.

Em primeiro lugar é necessário esclarecer que o Pampa é, além de um bioma presente na Região Sul do Brasil, um modo de vida construído a partir do contado de um grupo social com aquele sistema natural. Ao longo da letra, várias referências vão sendo feitas ao “mundo rural”, tais como: “pampa”, “cultivar raízes”, “campos desertos”, “rédeas soltas”, deste modo, mesmo as metáforas utilizadas rememoram ao contexto rural. A letra descreve um personagem que se encontra em dificuldades para viver no campo, uma vez que, esse espaço tem sido marcado, pelo avanço de relações capitalistas, que possuem um efeito desagregador nas relações cotidianas. Isso ocorre, porque a produção capitalista no campo visa gerar lucro e não alimentar as pessoas, constroem-se, portanto, novos valores que vão desarticulando relações de comunidade, cooperação e ajuda mútua.

Seguindo a letra, os autores mencionam que estão dispostos a lutar de forma heroica para se manter na terra e defender seu modo de vida. No enredo, presente na letra, é possível perceber que o trabalho no campo é parte da trajetória familiar, uma vez que seu pai foi, ele é, e seu filho será (na sua projeção) parte da pampa. Percebe-se claramente uma referência ao modo de vida camponês que tem, na sua estrutura formativa a centralidade da família como principal força de trabalho utilizada e a terra como meio de produção (SHANIN, 2005), acrescenta-se a isso a perpetuação geracional desse modo de vida ao longo do tempo.

Outra temática presente na música é a existência de classes sociais no campo, uma vez que, o “patrão” e o “peão” ocupam lugares sociais distintos do ponto de vista econômico. O primeiro possui o domínio sobre a produção de alimentos e os próprios recursos hídricos, fator que mostra seu poder sobre o que se produz no campo, já que, o acesso a água é condição fundamental para a agricultura e para a vida. A situação do peão é de extrema pobreza, pois ele está sem dinheiro e encontra dificuldades para cultivar a terra. Novamente, como destaca a letra, o avanço do capitalismo gera dificuldades, principalmente para o pequeno produtor que busca viver na região dos pampas. Em suma, a problemática tematizada na música mostra os rebatimentos socioespaciais provocados pelo avanço do capitalismo no campo,

sobretudo em relação aos modos de vida camponeses presentes no “pampa” gaúcho. Na tabela 2 algumas orientações a serem trabalhadas com a música.

**Tabela 2 - Orientações ao trabalho docente**

| Música   | Herdeiro da Pampa Pobre   |
|--|---|
| <b>Temas a serem abordados</b>                                   | Impacto do avanço do capitalismo no modo de vida camponês na região dos Pampas  |
| <b>Região</b>  | Sul   |
| <b>Conteúdos Geográficos</b>                                     | Bioma Pampa, relações capitalistas no campo, classes sociais no meio rural, sustentabilidade                                    |
| <b>Habilidades Desenvolvidas</b>                                 | Análise crítica de relações sociais e econômicas, interpretação de contexto geográfico, compreensão de processos socioespaciais |
| <b>Competências Acionadas</b>                                    | Compreensão das relações de poder no espaço rural e os rebatimentos da expansão do capitalismo no campo.                        |
| <b>Sugestão de Seguimento para o desenvolvimento da proposta</b> | 3º ano do ensino médio  |

**Fonte** - Elaborado pelos autores (2023)

Na sequência na análise proposta a terceira região contemplada pela análise de letra Peão, cujo contexto analisado faz referência a região Centro-Oeste.

**Letra 3 –Peão – Almir Sater**  
Região analisada: Centro-Oeste

Diga você me conhece  
Eu já fui boiadeiro  
Conheço essas trilhas  
Quilômetro, milhas  
Que vem e que vão  
Pelo alto sertão  
Que agora se chama  
Não mais de sertão  
Mas de terra vendida  
Civilização

Ventos que arrombam janelas  
E arrancam porteiras  
Espora de prata riscando as fronteiras  
Selei meu cavalo  
Matula no fardo  
Andando ligeiro  
Um abraço apertado  
E um suspiro dobrado  
Não tem mais sertão

Os caminhos mudam com o tempo  
Só o tempo muda um coração  
Segue seu destino boiadeiro



Que a boiada foi no caminhão

A fogueira, a noite  
Redes no galpão  
O paiero, a moda  
O mate, a prosa  
A saga, a sina  
O causo e onça  
Tem mais não

Ô peão

Tempos e vidas cumpridas  
Pó, poeira, estrada  
Estórias contidas

Nas encruzilhadas  
Em noites perdidas  
No meio do mundo  
Mundão cabeludo  
Onde tudo é floresta  
E campina silvestre  
Mundão caba não

**Fonte** - [www.lettras.com.br/almir-sater](http://www.lettras.com.br/almir-sater). Acesso em janeiro de 2023.

A partir da análise da letra é possível perceber um processo de transformação na história de vida de um trabalhador do campo que migra em direção a outros territórios. Isso ocorre em razão de mudanças e transformações espaciais, já que, o seu lugar passou por diversas transformações. Sobre o contexto geográfico da canção é importante fazer uma ponderação sobre uma expressão “Sertão”, uma vez que essa, está se referindo não a sub-região nordestina, mas as terras interioranas do Centro-Oeste brasileiro.

As transformações mencionadas na música indicam uma expansão da área urbana em direção ao campo, além da incorporação desses espaços a lógica do capitalismo urbano-industrial, o que provoca a necessidade de o trabalhador migrar de seu lugar.

O campo é desestruturado por uma força, figurativamente representada como o “vento”, que de acordo com a música, destrói e transforma estruturas no campo. Compreende-se essa força como o avanço capitalista no campo, cuja expansão provoca intensas transformações e desestrutura de espaços territoriais camponeses. Essa interpretação se fundamenta no fato que, a relação dos moradores do campo com a dinâmica natural, tende a ser uma relação duradoura e de grande experiência vivencial. Dessa forma, o “vento” não parece ser força suficiente para determinar a saída do “peão” no campo.

Dentro dessa lógica de transformações trazida ao longo do enredo da música, é possível identificar de maneira mais clara a desestruturação de um modo de vida camponês, que perde as bases materiais de sua existência, com o passar do tempo. Na frase “a boiada foi no caminhão” é possível depreender dois caminhos de significado, primeiramente, uma mudança na maneira de transportar o gado, que comumente era realizada a pé, sobre a supervisão de alguns trabalhadores “tocando” os animais a cavalo. Uma segunda possibilidade de interpretação é a substituição da fazenda ou da produção pecuária por uma outra atividade produtiva mais moderna ou pelo crescimento do sítio urbano em direção ao campo.

Dentro desse entendimento, uma outra temporalidade é imposta não permitindo mais a vivência de um “tempo lento”, de um modo de vida baseado na cooperação, na convivência cotidiana típicas das áreas rurais, e por isso ele afirma que “redes no galpão, o mate, a prosa, o caso” deixaram de existir. Nota-se um tom de lamento pela intensa transformação na paisagem e na dinâmica social do campo o que obriga o personagem a migrar ou mudar de vida.

A mobilidade espacial é parte da trajetória de vida de diversas comunidades rurais no Brasil, tendo relação com a forma como a Questão Agrária foi estruturada no Brasil. A partir da letra é possível inferir alguns elementos dessa dinâmica, uma vez que historicamente o avanço do capitalismo no campo tem provocado a desestruturação de territórios e modos de vida. A música reitera uma temática comum entre “cancioneiros” que retratam a saída dos trabalhadores do campo em direção a cidade, em razão de modificações econômicas e sociais nos seus territórios de vida.

**Tabela 3 - Orientações ao trabalho docente**

| <b>Música</b>  | <b>Peão</b>   |
|--|---|
| <b>Temas a serem abordados</b>                                   | Transformações no modo de vida camponês relacionado ao avanço do capitalismo no Centro-Oeste brasileiro   |
| <b>Região</b>  | Centro-Oeste  |
| <b>Conteúdos Geográficos</b>                                     | Expansão urbana para áreas rurais, desestruturação do modo de vida camponês, mobilidade espacial, transformações territoriais no espaço rural   |
| <b>Habilidades Desenvolvidas</b>                                 | Análise crítica de processos socioespaciais, compreensão das dinâmicas urbanas e rurais   |
| <b>Competências Acionadas</b>                                    | Pensamento crítico sobre desenvolvimento socioeconômico, compreensão das relações entre espaço e sociedade, consciência histórica e territorial |
| <b>Sugestão de Seguimento para o desenvolvimento da proposta</b> | 3º ano do ensino médio  |

**Fonte -** Elaborado dos autores (2023)

A quarta letra analisada focalizada a região Sudeste, sobretudo no que diz respeito a importância econômica de produtores ligados a agricultura e pecuária na referida região.

**Letra 4 – Rei do Gado -Tião Carreiro e Pardinho**  
Região analisada: Sudeste

Em um bar de Ribeirão Preto  
Eu vi com meus olhos, esta passagem  
Quando o champanha, corria a rodo  
No alto meio da granfinagem  
Nisto, chegou um peão  
Trazendo na testa o pó da viagem  
Pro garçom ele pediu uma pinga  
Que era pra rebater a friagem  
Levantou o almofadinha  
E falou pro dono eu tenho má fé  
Quando caboclo que não se enxerga  
Num lugar destes, vem por os pés  
Senhor, que é o proprietário  
Deve barrar a entrada de qualquer  
E principalmente nesta ocasião  
Que está presente o rei do café  
Foi uma salva de palma  
Gritaram viva pro fazendeiro  
Quem tem milhões de pés de café  
Por este rico chão brasileiro  
Sua safra é uma potência  
Em nosso mercado e no estrangeiro  
Portanto, vejam que este ambiente  
Não é pra qualquer tipo rampeiro  
Com um modo bem cortês  
Responde o peão pra rapaziada  
Esta riqueza não me assusta  
Toco em aposta qualquer parada  
Cada pé desse café  
Eu amarro um boi da minha invernada  
E pra encerrar o assunto eu garanto  
Que ainda me sobra uma boiada  
Foi um silêncio profundo  
Peão deixou o povo mais pasmado  
Pagando a pinga com mil cruzeiros  
Disse ao garçom pra guardar o trocado  
Quem quiser meu endereço  
Que não se faça de arrogado  
É só chegar lá em Andradina  
E perguntar pelo rei do gado

**Fonte** - [www.lettras.mus.br/tiao-carreiro-e-pardinho](http://www.lettras.mus.br/tiao-carreiro-e-pardinho). Acesso em janeiro de 2023.

O trecho inicial da letra começa fazendo referência a cidade de Ribeirão Preto, localizada no nordeste do Estado de São Paulo, ela é considerada atualmente uma das capitais do agronegócio e possui uma longa história na produção agrícola com destaque

para o café. Na estrofe uma história começa a ser contada, mostrando um bar frequentado por fazendeiros ricos e a entrada de um novo personagem causa desconforto, uma vez que ele parece não pertencer a classe social dos fazendeiros.

O desconforto com o homem que aparenta ser um simples trabalhador da agricultura é tamanho que os frequentadores do bar reclamam sua presença. Na cena descrita existe claramente um preconceito de matriz socioeconômica, direcionado ao “peão”, percebe-se, ainda, a constituição de um status social oriundo da riqueza construída a partir da agricultura, uma vez que os participantes do bar fazem questão de enfatizar a presença de um rico fazendeiro o “Rei do café”.

O descontentamento com o “intruso malvestido” é tal, que se exige a sua expulsão das dependências do estabelecimento, e isso é motivo de comemoração entre os frequentadores. O rico fazendeiro, conforme descreve a letra, é um típico representante da aristocracia da região que destina sua produção ao mercado externo. É interessante notar um processo de enriquecimento através da agricultura que vem acompanhado de um *status* social, uma vez que, ser o “Rei do Café” é motivo de notoriedade e admiração por parte dos frequentadores do bar.

O desfecho da letra é a revelação de que o humilde homem que adentrou o estabelecimento é na verdade um grande pecuarista, possuindo mais posses que o “Rei do Café”. A parte a lição moral, traço comum nas músicas de Tião Carreiro e Pardinho, uma vez que, no fundamento da mensagem está o fato de que não se deve julgar as pessoas pela aparência. É notório a centralidade do campo e suas relações produtivas, o protagonismo dos fazendeiros como personagens principais, e a presença da agricultura e pecuária como fonte de renda e status nos meios sociais das cidades mencionadas.

A produção agrícola também é fonte de enriquecimento e estratificação da sociedade, isso porque, o avanço de relações capitalistas no campo determina hierarquizações e a intensificação da desigualdade social entre os sujeitos. Esse fato está presente, por exemplo, na existência de um bar frequentado majoritariamente por fazendeiros ricos e o próprio preconceito em relação a pessoas com menores condições financeiras que tentam frequentá-lo, na letra adjetivos como “caboclo” e “rampeiro” buscam desqualificar o “peão” que adentrou o estabelecimento.

**Tabela 4 - Orientações ao trabalho docente**

| Música   | Rei do gado   |
|--|---|
| <b>Temas a serem abordados</b>                                   | Desigualdade social no meio rural, representatividade do agronegócio na sociedade, preconceito socioeconômico                             |
| <b>Região</b>  | Sudeste   |
| <b>Conteúdos Geográficos</b>                                     | Agronegócio, produção agrícola (café), diferenças e desigualdades sociais no campo  |
| <b>Habilidades Desenvolvidas</b>                                 | Análise crítica de relações sociais e econômicas, interpretação de contexto histórico e geográfico, reflexão sobre preconceito de origem. |
| <b>Competências Acionadas</b>                                    | Pensamento crítico sobre desigualdades sociais, compreensão das relações entre agronegócio e sociedade, consciência sociocultural         |
| <b>Sugestão de Seguimento para o desenvolvimento da proposta</b> | 3º ano do ensino médio  |

**Fonte** - Elaborado dos autores (2023)

Por fim, a região privilegiada para a análise da Questão Agrária a Amazônia na sua delimitação oficial (região Norte).

### **Letra 5 – Saga da Amazônia – Vital Farias** Região analisada: Norte

Era uma vez na Amazônia a mais bonita floresta  
Mata verde, céu azul, a mais imensa floresta  
No fundo d'água as Iaras, caboclo lendas e mágoas  
E os rios puxando as águas

Papagaios, periquitos, cuidavam de suas cores  
Os peixes singrando os rios, curumins cheios de amores  
Sorria o jurupari, uirapuru, seu porvir  
Era: Fauna, flora, frutos e flores

Toda mata tem caipora para a mata vigiar  
Veio caipora de fora para a mata definhar  
E trouxe dragão-de-ferro, prá comer muita madeira  
E trouxe em estilo gigante, prá acabar com a capoeira

Fizeram logo o projeto sem ninguém testemunhar  
Prá o dragão cortar madeira e toda mata derrubar  
Se a floresta meu amigo, tivesse pé prá andar  
Eu garanto, meu amigo, com o perigo não tinha ficado lá

O que se corta em segundos gasta tempo prá vingar  
E o fruto que dá no cacho prá gente se alimentar?  
Depois tem o passarinho, tem o ninho, tem o ar  
Igarapé, rio abaixo, tem riacho e esse rio que é um mar

Mas o dragão continua a floresta devorar

E quem habita essa mata, prá onde vai se mudar???  
Corre índio, seringueiro, preguiça, tamanduá

Tartaruga: Pé ligeiro, corre-corre tribo dos Kamaiura

No lugar que havia mata, hoje há perseguição  
Grileiro mata posseiro só prá lhe roubar seu chão  
Castanheiro, seringueiro já viraram até peão  
Afora os que já morreram como ave-de-arribação  
Zé de Nana tá de prova, naquele lugar tem cova  
Gente enterrada no chão

Pois mataram índio que matou grileiro que matou posseiro  
Disse um castanheiro para um seringueiro que um estrangeiro  
Roubou seu lugar

Foi então que um violeiro chegando na região  
Ficou tão penalizado que escreveu essa canção  
E talvez, desesperado com tanta devastação  
Pegou a primeira estrada, sem rumo, sem direção  
Com os olhos cheios de água, sumiu levando essa mágoa  
Dentro do seu coração

Aqui termina essa história para gente de valor

Prá gente que tem memória, muita crença, muito amor

**Fonte** - [www.letras.mus.br/vital-faria](http://www.letras.mus.br/vital-faria). Acesso em janeiro de 2023.

A música tem uma estrutura narrativa que vai contando uma história (uma saga) sobre a Amazônia e, no seu desenvolvimento, para tanto, o enredo relaciona fabulas e seres místicos com elementos da paisagem natural, especialmente a fauna e flora regional. Tem-se, inicialmente, uma caracterização da região a partir de aspectos culturais e ambientais de seu território.

No desenvolvimento da história é possível perceber uma crítica a degradação dos recursos florestais, o que denota um discurso com forte alinhamento com as organizações de defesa da Amazônia. Isso pode estar relacionado ao ativismo do autor, que nos anos de 1980 chegou a ter contato com os seringueiros na Amazônia, incluindo Chico Mendes, que se revelou “entusiasmado com a grandeza política e artística da obra” (MONTEIRO; TEMOTEO; JUNOR, 2020, p.115). Na letra existe uma clara menção aos “Grandes Projetos” na Amazônia, que geraram destruição significativa da floresta além de possuírem uma grande escala de atuação.

Como sugere a letra o avanço do desenvolvimento capitalista sobre a região, a destruição da floresta e as suas consequências são sentidas na natureza e na sociedade local. A imposição do tempo do capital impacta diretamente a dinâmica natural, dessa forma, a letra menciona que “O que se corta em segundos gasta tempo prá vingar”, sendo assim, a retirada da floresta, no modelo imposto de exploração dos recursos, não permite a plena regeneração das espécies. Como consequência os povos e populações

são impactados nos seus modos de vida, uma vez que estes estão relacionados a floresta em pé (caso de índios e seringueiros).

Ao longo da letra existe uma menção a uma diversidade de atores sociais do campo amazônico, o autor faz referência as tensões e disputas territoriais presentes na região. Esse processo está relacionado as políticas direcionadas à Amazônia pelos governos militares, a partir de 1964, que incentivaram a ocupação através da colonização oficial e da migração para a região. A mediação do Estado foi ineficiente e o “efeito colateral” foi a intensificação dos conflitos por terra. Nesse contexto, novos atores como o estrangeiro e o grileiro passaram a conflitar com extrativistas, pequenos agricultores e comunidades indígenas, conforme sugere a música.

O desfecho da canção é autobiográfico indicando que o cenário conflitivo e de destruição da floresta impactou diretamente o compositor, que, a partir de então, buscou contar a história de sua experiência na Amazônia. É interessante perceber o potencial que a música tem no registro de determinados contextos socioespaciais, como por exemplo, o avanço dos Grandes projetos a partir dos anos de 1960 e suas consequências para o bioma e a sociedade local, além dos conflitos fundiários envolvendo personagens centrais do campo amazônico.

**Tabela 5 - Orientações ao trabalho docente**

| <b>Música</b>  | <b>Saga da Amazônia</b>  |
|--|--|
| <b>Temas a serem abordados</b>                                   | Degradação ambiental na Amazônia, representação mítica da região, tensões territoriais e conflitos na região   |
| <b>Região</b>  | Norte  |
| <b>Conteúdos Geográficos</b>                                     | Amazônia, recursos florestais, impactos do desenvolvimento capitalista, conflitos territoriais no campo  |
| <b>Habilidades Desenvolvidas</b>                                 | Análise crítica de problemas socioambientais, interpretação de simbolismos e metáforas, compreensão das relações entre sociedade e ambiente                  |
| <b>Competências Acionadas</b>                                    | Pensamento crítico sobre questões ambientais e socioeconômicas, compreensão dos impactos do desenvolvimento capitalista na natureza e na sociedade amazônica |
| <b>Sugestão de Seguimento para o desenvolvimento da proposta</b> | 3º ano do ensino médio   |

**Fonte -** Elaborado dos autores (2023)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da música regional no ensino de geografia permite uma maior compreensão sobre contextos espaciais e problemáticas debatidas na geografia escolar. Na proposta do artigo que buscou relacionar o ensino de geografia e a Questão Agrária brasileira, tendo como base a música regional, verificou-se que essas canções trazem



diversas temáticas e processos vivenciados pelas populações no campo, sendo que cada canção, por retratar uma região em particular, indica especificidades que podem levar o aluno a pensar sobre características da Questão Agrária em diferentes regiões brasileiras.

A análise das letras trouxe à tona questões como os impactos e as transformações que o avanço do capitalismo gerou no campo, além de processos de desagregação e modificações no modo de vida das populações rurais. Esse avanço do capitalismo se manifesta construindo um cenário de abandono, principalmente, das populações rurais camponesas, como foi retratado, por exemplo, nas letras de Asa Branca e Herdeiro da Pampa Pobre. O avanço do capitalismo sobre a fronteira amazônica e seus rebatimentos sociais e ambientais estão presentes na música “Saga da Amazônia”, letra que permite inclusive pensar questões como o avanço dos “Grandes projetos” e as tensões territoriais oriundas dos conflitos fundiários na região, intensificadas a partir dessas ações desenvolvimentistas.

No Sudeste a narrativa proposta pela canção de “Rei do Gado” permite uma reflexão sobre o processo de estratificação social no campo, onde o avanço do capitalismo tem determinado o surgimento de elites agrárias que gozam de certo *status* social em razão de seu poder econômico. Ainda como rebatimento das relações capitalistas sobre o campo na região Centro-Oeste, tem-se o caso de “Peão” que mostra um processo de desagregação de um modo de vida rural que acaba por provocar a migração para a cidade.

A proposta do artigo buscou reafirmar a importância do uso de música no ensino de geografia e a potencialidade de se debater temas como a Questão Agrária a partir da música regional. Uma vez que seu conteúdo traz elementos históricos, sociais e econômicos relevantes para a compreensão da realidade do campo brasileiro. Por meio da análise das letras, os estudantes podem refletir sobre as transformações no campo, as desigualdades sociais e as consequências das atividades econômicas na vida das pessoas que vivem nessas regiões.

Essa abordagem permite que os alunos se aproximem da realidade do campo e compreendam a complexidade da Questão Agrária no país. Ao incorporar a música como recurso pedagógico, o professor torna o ensino mais dinâmico, envolvente e significativo para os estudantes, proporcionando uma maior compreensão e reflexão sobre as questões sociais e territoriais do Brasil.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018.
- CALLAI, Helena Copetti. **Geografia e sua didática: teorias e práticas no Ensino Fundamental**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998, 192 p.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO** – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Concepções Teórico-metodológicas e docência da Geografia no mundo contemporâneo. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas: Papirus, 2012. Cap. 6. p. 129-54.
- COPATTI, C.; BARCELOS; C. R. H. A música no ensino de Geografia: potes para compreender as regionalizados a partir do lugar. **Revista Geografar**, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 470-485, jul. a dez./2021.
- LACOSTE, Yves. **A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1993, 263 p.
- MONTEIRO, Juliana Amorim; TEMOTEO, Paulo Antônio de Oliveira; NASCIMENTO JUNIOR, Antônio Fernandes. **Quando a Arte conta a História: Um olhar crítico sobre a destruição da Floresta Tropical a partir da música de Vital Farias “Saga da Amazônia”**. **Fórum Ambiental da Alta Paulista**. v. 16, N.6. 2020. Disponível em: [www.amigosdanatureza.or.br](http://www.amigosdanatureza.or.br). Acesso em: 29 de jun. de 2023.
- MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?**. São Paulo: Contexto, 1988, 144 p.
- PALMEIRA, Moacir. Modernização, Estado e questão agrária. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 3, n. 7, p. 87-108, dez. 1989. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40141989000300006>.
- PRADO JR, Caio. **A Questão Agrária Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, 188 p.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, TomokoIyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- SANTOS, Jackson Lima. Música na geografia escolar: reflexões e possibilidades. **Anais do XVIII Encontro de Geógrafos da América Latina**, Lima, 2015. Disponível em: <

[https://www.egal2015.anpet.org.br/resources/anais/2/1431544004\\_ARQUIVO\\_Santos\\_Musicanageografia.pdf](https://www.egal2015.anpet.org.br/resources/anais/2/1431544004_ARQUIVO_Santos_Musicanageografia.pdf)>. Acesso em: 15 de junho de 2023.

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista. **Revista Nera**, ano 8, n.7, jul./dez. 2005

SILVA, Marília Gouveia da; LIMA, Andréa de Paula; MARÇAL, Alexandre de Paula. A música como recurso didático no ensino de Geografia: uma abordagem no Ensino Médio. **Anais do XI Simpósio Nacional de Geografia Agrária**, Goiânia, 2018. Disponível em: <[https://www.sbga.org.br/simposios/2018/artigos/SBGA2018\\_M18\\_0960\\_final.pdf](https://www.sbga.org.br/simposios/2018/artigos/SBGA2018_M18_0960_final.pdf)>. Acesso em: 15 de junho de 2023.

STÉDILE, João Pedro. Questão Agrária. In: CALDART, Roseli Salete et al (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012, p. 639-644

WANDERLEY, M. de N. B. A questão agrária, uma questão para a sociedade brasileira. *Raízes: Revista De Ciências Sociais E Econômicas*, 39(1), 15–30. <https://doi.org/10.37370/raizes.2019.v39.78>.

---

**Artigo recebido em: 11 de novembro de 2023.**

**Artigo aceito em: 29 de março de 2024.**

**Artigo publicado em: 04 de maio de 2024.**